



PBME/PMME - MOVIMENTO PLANETÁRIO MÃE TERRA

13ª Newsletter, Abril 2018

O momento da verdade chegou!

**Uma camada de ozono enfraquecida deixa passar
radiação cósmica -**

**A vida na Terra está a morrer. As provas foram
apresentadas, as razões esclarecidas.**

E agora?

Claudia von Werlhof (1)

Radiação cósmica mortal atinge a superfície da Terra

Não há possibilidade de erros desde 04.04.2018. Para além de todas as alegações oficiais e especulações sobre o aumento das emissões de CO2 enquanto ameaça à vida da Terra, agora há provas do contrário. A radiação cósmica ultravioleta mortal que, entretanto, consegue atingir a superfície da Terra porque a camada de ozono não pode mais impedi-la transformou-se na verdadeira ameaça à vida.

Isso significa que uma parte da atmosfera, o famoso e único azul do planeta Terra que todos os astronautas adoram, está em processo de dissolução. A atmosfera, portanto, não oferece mais a protecção para a qual foi criada no curso da vida terrena. Especificamente, a camada de ozono, responsável por essa protecção, está a desaparecer. Já no final do Perm, há 250 milhões de anos, quase toda a vida na Terra se extinguiu, nada mais conseguia crescer. O chamado "Great Dying" teve então provavelmente a mesma causa (Gabbattis 2018).

Hoje, o problema consiste não apenas na existência dos infames buracos de ozono sobre a Antártida e sobre o Ártico, mas também no facto de, contrariando as expectativas, eles não tentarem se fechar (Titze 2018), acrescido ao facto de a camada de ozono se ter tornado, entretanto, geralmente muito fraca (Dönges 2017). Isso significa que permite que a radiação cósmica passe também longe dos próprios buracos no ozono. Sempre foi negado que tal fosse possível.

O portador da horrenda mensagem é Dr. Marvin Herndon, juntamente com Raymond Hoisington e Mark Whiteside, que têm seus respectivos resultados de pesquisa publicados no Journal of Geography, Environment e Earth Science International, 14 (2): 1-11, 2018, Artigo no. JGEESI.40245 intitulado:

"Penetração de raios ultravioleta UV-C e UV-B mortais na superfície terrestre: Implicações na saúde humana e do ambiente "

No seu artigo, os autores explicam que a radiação UV-B é um "fator de stress", que tem uma influência negativa na sobrevivência e crescimento de organismos marinhos e de água doce, como o Plâncton, tanto vegetal quanto animal. Efectivamente, a base alimentar dos habitantes marinhos e da água, em geral, está ameaçada. Além disso, os raios UV-B poderão afectar a fotossíntese, o crescimento e o metabolismo do mundo subaquático, perturbando igualmente as comunidades de recifes de corais e destruindo-as pelo branqueamento de corais e pela instabilidade causada no genoma das plantas. A radiação UV também é prejudicial em terra, por exemplo, para árvores no geral porque altera o seu ambiente biológico e químico. Coníferas podem produzir pólen deficiente sob radiação UV-B e podem ser perturbadas na sua reprodução, podendo até mesmo se tornar estéreis. A toxicidade dos UV-B é conhecida e também afecta todos os outros seres vivos.

Os UV-C apresentam efeitos letais em insetos e microorganismos. Até levam a uma morte celular programada nas plantas. Em ratos, causam danos celulares, em humanos, dependendo da duração da irradiação, pelo menos danos à pele.

No anúncio da publicação existe o seguinte sumário (início da citação):

"PUBLICAÇÃO IMEDIATA

Trans Dyne Corporation revela

Radiação Ultravioleta mortal chega agora à superfície terrestre

SAN DIEGO, 2 de Abril de 2018 -

Acredita-se que o ozono atmosférico impede a porção mortal da radiação solar, UV-C e a maioria dos UV-B, de atingir a superfície da Terra. Um artigo científico publicado acaba de contestar essa suposição. Publicado esta semana no Journal of Geography, Environment e Earth Science International, o artigo de J. Marvin Herndon, PhD, da Trans dyne Corporation, Raymond D Hoisington da I Ray Spectra Metrics, e Mark Whiteside, MD, MPH, um médico do Departamento de Saúde da Flórida, confirma provas que a NASA publicou e falhou em seguir em 2007."

A NASA estava informada há anos

„Há onze anos, os cientistas da NASA publicaram a primeira evidência de que o UV-C e o UV-B estavam a penetrar na camada de ozono e atingir a superfície da Terra, evidências agora confirmadas por Herndon et al. Depois que o artigo de D'Antoni et al. 2007 mostrou que UV-C e UV-B alcançavam a superfície da Terra - ao contrário dos protocolos éticos, a NASA não realizou nenhuma investigação de acompanhamento, apesar das graves implicações das suas próprias medições. O artigo afirma: “Na ciência, quando uma descoberta é feita que contradiz o entendimento actual, os cientistas têm a responsabilidade de tentar refutar a descoberta além de qualquer dúvida. Se não for possível, as implicações da nova descoberta devem ser discutidas na literatura científica. A descoberta de D'Antoni et al., datada de 2007, sobre a radiação UV-C que atinge a superfície da Terra deveria ter sido objeto de intensa investigação pela NASA por dois motivos, um científico e outro ético.

Apesar da implicação das descobertas da NASA em 2007 para a ciência atmosférica e das suas profundas implicações para a saúde humana e ambiental, a NASA não realizou uma investigação de acompanhamento ... Essa inacção levanta a questão: Será a NASA cúmplice de uma atividade global encoberta que contempla a pulverização aérea militar de 'defesa nacional' de cinzas volantes de carvão tóxico que representam sérios riscos à vida na Terra?

Por pelo menos 20 anos, com quantidade e duração cada vez maiores, o exército empenha-se em pulverizar partículas na região onde nuvens se formam para manipular e armar a atmosfera e o clima. Os dados analíticos sobre as amostras de chuva e neve são consistentes com as cinzas volantes de carvão tóxicas como a principal substância em aerossol a ser utilizada. Desde cerca de 2010, esta pulverização aérea tornou-se uma operação quase diária e quase global. Como o artigo revela, a pulverização aérea coloca grandes quantidades de cloro, bromo, flúor e iodo na atmosfera, os quais podem esgotar o ozono ... Potencialmente, outras substâncias presentes nos aerossóis

de cinzas volantes de carvão, incluindo nanopartículas, podem afectar adversamente o ozono atmosférico. O esgotamento do ozono agora é global e está a permitir que os raios ultravioleta mortais atinjam o nível do solo. O artigo observa ainda: "A radiação ultravioleta é o componente mais nocivo e genotóxico do espectro de radiação solar. A mutagenicidade e a acção letal da luz solar exibem dois máximos, ambos na região UV do espectro. Os autores fornecem informações introdutórias sobre os efeitos devastadores de UV-B e UV-C em seres humanos, fitoplâncton, coral, insetos e plantas". Os militares podem considerar tudo isso como "dano colateral", mas é muito mais sério, ameaçando praticamente toda a vida na Terra.

Informações e pdf: <http://www.nuclearplanet.com/uv.html> Fonte: J. Marvin Herndon, Ph.D. Trans dyne Corporation E-mail: mherndon@san.rr.com Website: <http://NuclearPlanet.com>

Outras razões para o ozono estar a morrer: toda a geoengenharia militar

Se pensarmos também no estudo de Rosalie Bertell "O Planeta Terra. A Última Arma da Guerra" (em alemão "Kriegswaffe Planet Erde"), fica claro o que, além da pulverização contínua da atmosfera com nanopartículas, a chamada "Gestão da Radiação Solar", conhecida por SRM (Solar Radiation Management), que agora também é oficialmente visada por geo-engenheiros civis, contribuiu para a destruição da camada de ozono e continua a contribuir, de facto, cada vez mais:

- Radioactividade:

Registaram-se 2.200 testes nucleares, incluindo aqueles com bombas de hidrogénio, em particular na atmosfera, entre 1958 e 1998, 2/3 dos quais foram realizados pelos EUA, 1/3 pela União Soviética; acrescenta-se o dano causado pelos acidentes das centrais nucleares de Harrisburg a Chernobyl a Fukushima, que desde 2011 tem que ser considerado um LAA permanente (Acidente Maior Assumido) que se mantém imparável e é responsável pela primeira aparição de um buraco na camada de ozono sobre o Ártico; além disso, há o pó nano de inúmeras toneladas de munição de urânio (munição DU de "urânio empobrecido", maioritariamente resíduos da indústria nuclear) usada em todas as guerras desde a primeira Guerra do Golfo nos Bálcãs, Médio Oriente e Afeganistão (recentemente Hänsel 2017); e certamente há cargas radioactivas das quais não sabemos nada (sigilo militar), ou que não são consideradas dado se assumirem como operações correntes das centrais nucleares.

Já na década de 1950, Wilhelm Reich descobriu que a radioactividade está a destruir a energia vital que ele chamou de "orgone", especialmente do ar (ver Senf, 2003).

- Vôos supersônicos contribuem para a destruição da camada de ozono na atmosfera (é por isso que o projeto civil Concorde sobre a introdução do vôo supersônico no tráfego civil foi abandonado).
- Vôos com mísseis contribuem para a destruição da atmosfera por causa de seus propulsores, que trabalham em parte com plutônio (como o foguete Saturn Cassini de 1997, que chegou a Saturno em 2017).
- A irradiação da ionosfera com bilhões de ondas eletromagnéticas artificiais de elevados watts através das instalações mundiais de "aquecedores ionosféricos", como o HAARP no Alasca, aquece a ionosfera e sobrecarrega-a extremamente, cortando-a e produzindo buracos nela (s. Begich / Manning 2001). A cada vez, as ondas passam pela camada de ozono subjacente.
- As atividades "Star Wars" dos militares desde espaço, o trabalho em satélites e a formação de redes eletrônicas para monitorizar, controlar e energeticamente influenciar todo o espaço da Terra (recentemente Freeland 2018) na forma de um "bloqueio" planetário, bem como sua contraparte terrena;
- As microondas, transmissão de energia sem fio, mastros de telefonia móvel e, em geral, a produção terrena de radiação cósmica, como raios-X na medicina, indústria de alimentos e vida quotidiana.
- Até mesmo o tráfego aéreo "normal" tornou-se um dos malfeitores da destruição do ozono (Herndon, 2017, já Loppow 1993), sem mencionar a pulverização na troposfera e a estratosfera com metais pesados e outras substâncias tóxicas, que Herndon menciona particularmente.

Todo o programa é implementado com a "geoengenharia" militar em curso do MIC, o Complexo Militar-Industrial (ver Werlhof 2018).

O que tem de ser feito?

O que nós vemos é um processo contínuo de destruição. Agora, aparentemente, chegou a um ponto em que de repente muda, isto é, começou a se tornar irreversível. Não demorou mais de 50 anos para fazê-lo, assumindo a descoberta não reconhecida da radiação UV-B e -C na Terra pela NASA em 2007. Isso não é muito, considerando que este processo desencadeou até mesmo efeitos planetários que, de facto, ameaçam nada menos do que a nossa sobrevivência na terra e até terminará se nós - significando nós como a humanidade em si - não fizermos a coisa certa agora.

No entanto, a catástrofe já começou: a "primavera silenciosa", prevista por Rachel Carson na década de 1960 (Carson, 1962), já ocorre. O declínio nas

populações de aves e insectos entre 40 e 70% tem sido notado há muito tempo, assim como o branqueamento de corais nos oceanos, o vazio do Oceano Pacífico após Fukushima e, em geral, a extinção diária de espécies de animais e plantas. (WWF 2008).

É óbvio que o processo de destruição da atmosfera por meio da geoengenharia militar deve ser interrompido quase que imediatamente, de modo que a Terra tenha a chance de curar as feridas que lhe foram infligidas - em particular, o esgotamento do ozono. Quanto tempo isso levaria? E: Haveria tempo suficiente para salvar a vida da Terra e renová-la? Ou essa chance já passou? Esse seria o caso se os efeitos sentidos hoje fossem apenas a primeira parte daqueles que precisam de 40-60 anos para serem notados, de modo que todo o resto ainda se seguiria, e estaríamos apenas a viver o começo do que já está a caminho ...

Em geral, a recuperação da camada de ozono foi calculada para durar 50 anos (veja Ozone). Mas tal não aconteceu porque as condições para isso não estavam presentes. Houve até tentativas de atacar directamente a camada de ozono e experimentar um pouco com ela numa espécie de "engenharia climática", por exemplo para produzir um buraco de ozono sobre o território inimigo. No entanto, o responsável, Harry Wexler, mais tarde e antes de sua morte, advertiu explicitamente contra tais experiências (Wexler, 1962, ver Fleming, 2018). Agora, no entanto, ficamos surpresos que a camada de ozono nunca tenha estado tão fina como hoje, logo acima das nossas cabeças (Läubli 2018), longe dos buracos de ozono!

Mas não importa como tudo seja entendido, devemos fazer algo sobre as causas da morte do ozono, que até agora geralmente não são conhecidas e / ou foram mantidas longe de nós. Não há mais alternativa. Não fazer nada não é uma opção e significaria, de facto, concordar com o suicídio da humanidade e assassinato de toda a vida terrena.

A tese anterior, que foi defendida pela ciência, no entanto, ainda finge que são os CFCs em frigoríficos que causaram os buracos de ozono. Como os CFCs são proibidos, havia esperança de que os buracos de ozono fossem reduzidos. Mas isso não aconteceu (Titze 2018, geralmente Ozone). A radioactividade e outras substâncias e processos nunca fizeram parte do debate, porque o Exército é considerado tabu e autorizado a fazer o que quer. Foi isso que, no final, aprendemos através da Comissão Europeia, quando nós, um grupo ativista europeu, organizado através de "Guardas do céu" ("*Sky Guards*"), solicitamos ao Parlamento Europeu uma revisão renovada da geoengenharia e suas consequências (Fraile 2018). Fomos instruídos de que as actividades militares não são de interesse do Parlamento.

Se essas atividades, no entanto, mesmo sem guerra, ameaçam toda a vida na Terra, e estão prestes a destruí-la, então o que será de interesse do Parlamento?

Até agora, tal visão não estava presente na discussão pública e, quando em dúvida, foi considerada uma ideia alarmista ou uma teoria da conspiração. Agora, no entanto, há provas de que é verdade e de que maneira o é. Mesmo aqueles que "já sabiam" têm agora a prova em suas mãos. Isso muda tudo.

Esta prova é "A" mensagem do séc. XXI

Pela primeira vez e para todas as pessoas na terra, não há mensagem que seja mais importante. Agora todos podem saber e ninguém pode clamar que não sabia. Isso não ajudaria de forma alguma. Porque não se trata mais de qualquer justificativa, mas da questão se nós, como alegados "homo sapiens", conseguimos preservar a vida na Terra de facto e como tal - ou não, como eventualmente tenhamos permitido a alguns de nós arriscar essa vida à nossa frente ou nas nossas costas.

Ainda assim: Quem realmente entende essa notícia depois de todas as notícias terríveis que constantemente nos alcançam? Quem as "ouve" e ao seu "chamado"? Quem as deixa penetrar na sua armadura? Quem fica com medo? Quem conseguem arrancar da sua cadeira? Quem reconhece a verdade brutal e inexprimível que esta mensagem comunica?

No entanto, independentemente das nossas reações ou da sua recusa: Com esta mensagem, o mundo já mudou. Existe um antes e um depois, não importa o que pensemos dele. Objectivamente, a partir de agora, tudo tem um significado diferente, seja o que for que façamos ou não, e se pensamos nisso ou não, o que é agora conhecido, nomeadamente que, pela primeira vez na história, há provas de que nós, humanos, já pusémos em perigo o planeta, quer consigamos salvá-lo, respectivamente a vida nele e acima dele, a nossa incluída, ou não.

Uma coisa é clara: o tabu que cerca o Exército deve cair. Os "movimentos" sociais e políticos, no entanto, que dependem da "justiça climática" e do fim das emissões civis de CO2, têm que lidar imediatamente com o fato de que eles estão absorvidos por um mito, e o problema em questão é bem diferente do que eles assumiram - conscientemente ou não. Um repensar radical será necessário ...

É necessária uma insurreição global

Por outras palavras: agora que a evidência sobre o problema real está inevitavelmente sobre a mesa, deve haver uma revolta mundial seguida por

um movimento igualmente global que não pode mais ser desconcertante e confuso. Porque os militares não vão, por si mesmos, deixar de fazer o que fazem - há pelo menos 11 anos sabem o que estão a fazer! E isso não será a única coisa que sabem que nós não sabemos. No momento, os militares tentam levar todo o seu programa para a vida civil através da chamada geoengenharia civil nas universidades ao redor do mundo, uma tática que sempre utilizaram, porque então será ainda mais difícil livrarmo-nos das "conquistas" militares.

Agora temos de nos certificar que mudamos isso. Na verdade, não temos escolha e, acima de tudo, não há tempo. Isto é verdade para todos nós, ou seja, a "humanidade" em si. Parece inacreditável, mas "nós" devemos, objetivamente, alcançar que:

- não haja mais radioactividade a ser lançada
- o Exército termine os vôos supersónicos
- mísseis não sejam mais lançados para o espaço
- os sistemas de aquecimento ionosférico sejam desactivados
- satélites sejam desligados e que mais nenhuns sejam lançados
- transmissões sem fios sejam inactivadas
- tráfego aéreo seja travado em larga escala.

Não parece que haja a menor chance de que pelo menos um desses pontos seja aceite em qualquer lugar. E, no entanto, é isso que está na agenda, independentemente se vai funcionar ou não, e se queremos ou não.

Ou será que nós, seres humanos, queremos perecer junto com os animais e plantas desta terra e nossas próprias condições de vida, sem mesmo ter resistido, sim, sem nem mesmo ter entendido o que estava a suceder, porque nós, por exemplo, não reconhecemos a nossa própria tecnologia e, como tal, éramos incapazes de a enfrentar, para não mencionar as maquinações por trás dela ...? (Veja BUMERANG 3/2017).

É assim que tudo é, de repente. Tudo acaba por ser completamente diferente do que sempre pensámos que fosse. Não há erro nem mais nenhuma dúvida«. É uma nova hora. O momento da verdade chegou. Agora é a nossa vez, gostemos ou não, preparados ou não, capazes ou não. Depende de nós se a vida terrena chegará ao fim ou não - e teremos de agir muito rapidamente, porque todas as causas persistem e estão constantemente a desenvolver-se.

Já em 2000, Rosalie Bertell nos alertou que, se o buraco de ozono dobrasse, não haveria mais agricultura na Terra. Agora está prestes a ficar ainda pior.

Nós certamente não podemos esperar até que nada cresça antes de começarmos a fazer algo. Isso é óbvio, não é?

Será um despertar!

- Agradeço a Maria Heibel pelas suas dicas e referências.

Referências:

Begich, Nick und Manning, Jeane: Löcher im Himmel, Michaels Verlag, Peiting 2001

(orig.: Begich, Nick und Manning, Jeane: Angels Don't Play this HAARP)
Bertell, Rosalie: Planet Earth. The Latest Weapon of War, London 2000,

The Women's Press

___: Kriegswaffe Planet Erde, Gelnhausen 2013 und 2016, J.K. Fischer

___: orig.: Planet Earth. The Latest Weapon of War, London 2000, The Women-s Press

BUMERANG 3, www.fipaz.at/bumerang, 2017

Carson, Rachel: Der Stumme Frühling, Beck, München 1962

orig.: Carson, Rachel: Silent Spring, Houghton Mifflin 1962

Dönges, Jan: Ozonloch wirkt offenbar bis in die Tropen.

Das Ozonloch zieht nicht nur Flora und Fauna in Mitleidenschaft, sondern ändert auch das Klimagefüge der Erde. Der Effekt erstreckt sich bis in den tropischen Pazifik, News 14.6.2017

(Dönges, Jan: Ozone hole apparently has an effect *reaching* the tropics.

The ozone hole not only affects the flora and fauna, but also changes the climate of the earth. The effect extends into the tropical Pacific, News 14.6.2017)

Fleming, James Roger: <http://www.nogeoingegneria.com/news-eng/was-harry-wexler-the-man-who-caused-the-ozone-hole/>, 2018

Fraile, Josefina: Geoengineering: The truth hidden in the Paris' Climate Agreements or the moral incapacity of the United Nations to defend the common good, in Werlhof, C.v. (Ed.): The New Threat. Women against Geoengineering and for Mother Earth, Inanna, Toronto 2018 (forthcoming)

Freeland, Elana: Under an Ionized Sky, Feral House, Port Townsend WA 2018

Gabbattis, Josh: [The Great Dying': World's worst-ever extinction event 'caused by UV radiation'](#), News, 8.2.2018

Hänsel, Rudolf: Der Krieg, der nicht zu Ende geht, in: Neue Rheinische Zeitung, NRhZ, Köln, v. 16.10.2017

(see Hänsel, Rudolf: Aftermath of the US-NATO War on Yugoslavia. The Unspoken Impacts of Radioactive Depleted Uranium Ammunition, in: Global Research, 24. Dec. 2017)

Herndon, Marvin: <http://www.NuclearPlanet.com/uv.html>, 2018

___: <http://www.thehindu.com/sci-tech/energy-and-environment/aeroplanes-may-be-affecting-ozone-monsoon/article19498497.ece>, 2017

Läubli, Martin: <http://www.sueddeutsche.de/wissen/atmosphaere-die-ozonschicht-ist-so-duenn-wie-noch-nie-1.3856013>. SZ, 7.2.2018

Loppow, Bernd: Himmelfahrtskommando Luftverkehr? Zeit-online, 5.3.1993, <http://www.zeit.de/1993/10/himmelfahrtskommando-luftverkehr>

Ozon: <http://www.ozonlayer.noaa.gov/science/basics.htm>

Senf, Bernd: Die Wiederentdeckung des Lebendigen, Omega, Aachen 2003
(Senf, Bernd: The rediscovery of the living)

Titze, Sven: Die Ozonschicht erholt sich nicht wie erwartet, NZZ, 6.2.2018
(Titze, Sven: The ozone layer is not recovering as expected)

Werlhof, Claudia von: Geoengineering: From Geo-Weaponry to Geo-Warfare, in dies. (Ed.): The New Threat. Women against Geoengineering and for Mother Earth, Inanna, Toronto 2018 (forthcoming)

Wexler, Harry: <http://www.colby.edu/sts/wexlerozone.pdf>, 1962

WWF: Abschied der Arten, Frankfurt 2008
(WWF: Farewell of the species)